Anno 16.º — Sabado, 24 de Fevereiro de 1923 — N.º 765

# O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
PROPRIEDADE DA EMPREZA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Larga Luiz de Camões – AVEIRO.
Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

## AO CABO DE 15 ANOS

*O Democrata*, cujo primeiro numero saíu a 22 de Fevereiro de 1908, entra hoje no seu 16.º ano de publicação. São passados, por isso, já 15 anos duma existencia toda de luta, cheia de sacrificios, sem outra compensação mais do que aquele que provém do dever cumprido sem desfalecimento, sem transigencias, sem abdicação.

15 anos! Como o tempo passa! E comtudo, *desfraldada a invicta bandeira*, no mesmo ponto nos encontramos—firmes, decididos, animados a proseguir, talvez com mais ardor, com mais entusiasmo, com mais fé, numa obra que reputâmos indispensavel para que o paiz se salve e a Republica se engrandeça, qual seja o saneamento moral de que tanto carecemos e tão pouco preocupa as altas esferas do Poder.

De mãos limpas, fronte descoberta e altiva, na mesma pobrêsa de bens, mas na mesma grandêsa de isenção, sem nos ter, sequer, roçado pela mente a ruindade duma má ideia, a tentação funesta e desgraçada dum mau pensamento, supomos nós que assim como combatemos os crimes da monarquia temos o direito de fulminar os bandidos que dizem servir a Republica para melhor a apunhalarem, protestando com todas as nossas forças contra essa casta, que, como sarna infecta e contagiosa, invadiu todo o organismo publico, vilipendiando, afrontando e desmoralisando os principios austeros do regimen.

Bem sabemos que o unico premio desta nossa atitude, que de longe vem, é a calunia, o insulto suez e baixo, a denuncia miseravel e repugnante, por uma das quaes temos ainda pendente um processo judicial, a perseguição enfim. Mas nada, nenhum desses estratagêmas nos fará calar, paralisando esta penna humedecida com a firmêsa inabalavel de quem possue a consciencia dos seus actos como cidadão, como republicano e como português que ama a sua Patria.

Combatemos, pois, voluntaria e expontaneamente; combatemos o crime, a imoralidade, o erro quer ele se acoite no gabinete dum ministro ou na sacristia duma igreja—*grosseira formula materialisada do transcendente e divino espirito de Jesus*—no dizer de Junqueiro.

E se de toda esta odisseia temos para nós trazido o embate das lutas asperas e furiosas a ponto de sermos feridos muitas vezes pela traição e pela cobardia, resta-nos a consolação de que ainda se não apagaram, antes revivem no nosso peito, o explendor das ilusões passadas, a riquêsa de antigos sonhos que a nossa juventude acalentou e os nossos cabelos brancos, presentemente, amparam.

*O Democrata*, ao entrar em novo ano de vida, não altera o seu programa: aconchega-se, patrioticamente, á sombra da bandeira da Republica, que drapeja, altiva e nobre, sobre os campos de Portugal e—segue!

## RECORDAR É VIVER

Passou ante-ontem o 16.º aniversario do *Democrata*. Nasceu nos tempos revoltos da propaganda, bem proximo do periodo agonico da monarquia, quando ao fragor das mais irrequietas paixões, os timoneiros do velho e glorioso partido republicano sofriam o rude embate dos seus inimigos que, de mãos dadas, se ajuramentaram para o seu exterminio.

Nesse ambiente de luta e de sacrificios, êle veio á luz amparado pelos esforços de bons amigos e fieis partidarios, cuja dedicação foi muitas vezes posta á prova dos mais duros assaltos e perseguições. E se a vida deste jornal foi, por esses tempos, um rude e pesado fardo que os seus inimigos de encruzilhada, a cada passo, procuravam eliminar, por entre os rutilos lampejos dos nossos triunfos, á mistura com momentos amargos de desanimo, o certo é que tambem essa atribulada existencia lhe serviu para deixar atraz de si uma gloriosa tradição de intransigente independencia e autoridade moral, que tem sido, atravez de tudo, a nossa mais perduravel consolação e o seu mais abalisado titulo de gloria.

Após poucos anos de rudes combates rompeu-lhe o sol pela porta, implantou-se a Republica.

O *Democrata*, como um velho combatente, festejou nas suas colunas o advento do seu ideal, por que tão nobremente tinha batalhado, modificando, de então para cá, a sua tactica de soldado experimentado, preparando-se para uma luta aberta e franca, não já só contra os velhos e tradicionais inimigos da Republica—monarquicos e catolicos—mas, sobretudo, contra as novas guerrilhas de *adesivos* que procuraram fazer do regimen uma segunda edição da monarquia, mais correcta e superiormente aumentada. E não se enganou o *Democrata* nos seus vaticinios. Os *adesivos* e corrutos das velhas instituições ingressaram na Republica como hordas invasoras e famintas, e aqueles que tinham a sua folha de serviços rubricada nos tempos da propaganda foram esquecidos e retrairam-se em face da audacia e arrogancia de vendilhões, com que os novos acolitos entravam no templo da Democracia. E' esta lepra da Republica que o *Democrata* tem vindo combatendo até hoje sem discrepar um ápice da sua antiga feição de defensor da Republica e inimigo declarado dos seus espoliadores.

Esta tem sido a sua bandeira. Com ela avançará e lutará por ela!

E. S.

## O 19 de outubro

Em ultima audiencia, no tribunal constituido para seu julgamento, foram absolvidos, na quinta-feira, os oficiais que entraram no movimento revolucionario de 19 de Outubro e de cujo grupo fazia parte o coronel Manuel Maria Coelho.

Congratulâmo-nos deveras com esse acto de justiça.

**O Democrata** *vende-se no quiosque Raposo, Praça Marquez de Pombal.*

## Um jornal "historico„

Lembra-me bem quando *O Democrata* se fundou...

Já lá vão uns anos. Eramos 30, poucos mais, os republicanos de Aveiro e juntavamo-nos, em confraria, nos baixos da casa do Ferreira, onde hoje está a *Social*, com ingenua solenidade e inflamados discursos.

Depois trocaram-se impressões e combinaram-se coisas de mil demonios na tabacaria do Bernardo, no laboratorio do Moura, na botica do João Bernardo.

Eu novo e lesto, ardoroso e irrequieto, nos intervalos das aulas, ouvia os Marques e subia até á oficina do Sertorio, esperava o classico Elisio no caminho de Esgueira, saltava a Ilhavo fazer uma propagandasinha com o Campos Vaz e o Samuel e nestas reuniões e nestas conversas com que se alimentava o fôgo sagrado lá vinha sempre á bailha o jornal, a necessidade dum jornal, de que o Arnaldo, com a sua velha tendencia de jornalista, era um constante pregoeiro.

A bossa jornalistica, muito tradicional e desenvolvida em Aveiro, permitia o recrutamento dos jornalistas—todos nós nos sentiamos jornalistas!

Faltava dinheiro, mas do concurso, do apoio, do incitamento de muitos lá nasceu *O Democrata*, cuja eclosão a ditadura franquista retardou.

Primeiro com o dr. André dos Reis, Arnaldo e eu na redacção. Depois só com o Arnaldo e varios colaboradores, dos quais eu fui o mais obscuro, mas, não, talvez, o menos diligente.

Era um tempo de idealismo, de combatividade e de fé e *O Democrata* foi o interprete dos sentimentos que então inflamavam a alma sincera dos republicanos.

Bom tempo! Saudosissimo tempo!

Trocava hoje de bom grado pelos 18 milhões de fantasias que somavam os meus anos, todas as honras que *O Democrata*, ha tempos, quiz colar á minha epiderme de *conselheiro á força!...*

Mas *O Democrata* fez muito, fez imenso pela Republica.

Irreverente, como sempre foi, o Arnaldo tornou o jornal combativo, aguerrido, contundente.

*L'enfant terrible!* A's vezes o terror do proprio partido. Eu mesmo vim a ser vitima dessa irreverencia e dessa rebeldia. Recordo-o hoje com o bom humor com que recordo todas as minhas lutas passadas, das quais nenhum despeito nem resentimento conservo...

Pode-se não gostar da forma ou da doutrina de *O Democrata*, mas a qualidade suprema do Arnaldo Ribeiro—a honestidade, a isenção politica e o desinteresse pessoal, o seu republicanismo sem tibiezas e sem curvaturas de espinha, merece aquela benevolencia, aquele apreço e aquela admiração que nós temos de tributar sempre a quem é altivo e sincero e a quem se bate abnegadamente por um ideal.

Estou quasi misantropo, quasi velho da alma e do corpo, mas admiro a mocidade e este jornal é sempre môço como quando se fundou.

Não se dobra ás conveniencias dos *gros bonets*, nem transige com escandaleiras da politica ou da administração?

E' uma virtude juvenil.

A's vezes exagera, fére, irrita? A juventude foi sempre assim: é irrequieta, é insubmissa, e á juventude estouvada, mas idealista, generosa e sã, tudo se desculpa e tudo se perdôa, afinal.

Verdade, verdade, este mesmo *Democrata*, ás vezes, tem sido o demonio vivo; mas se a Republica por todos assim fôra servida, bem melhor iria ao Paiz—porque á honestidade das intenções generosas e puras dos republicanos historicos, e não á calculista e velhaca habilidade dos arranjistas, nem á cupidez do inconcebivel devorismo que nos assolou, é que o Paiz confiou um dia os seus destinos, rompendo, para isso, violentamente, com uma tradição de oito seculos!

**Alberto Souto.**

## Do tempo que passa...

Escrevi algures e ainda com tintas frescas de emoção, isto: *Qual das duas torpezas humanas é maior? A da acção do tempo ou dos homens?*

E' que no meu espirito grita e sofre constantemente a horrivel tragedia da Dôr e do Mal que se enclavinha no tempo e no espaço e que já um dia dilacerou a alma prometaica do meu irmão Nietzsche. E meus olhos vêem com luz maguada a continuação da monstruosa, da eterna ignominia do pensamento do homem e das coisas que os homens maculam sem pensamento...

No entanto se os homens—os grandes delapidadores—todos os dias que passam inutilisam mais a vida, o tempo, nem sempre iconoclasta, muitas vezes edifica ou pelo menos mantem as formas esculturais da origem.

*O Democrata*, integrado espiritualmente nesta acção do tempo, não envelheceu nem desbastou as linhas vigorosas da Obra em que a primeira hora o modelou. Viu passar a horda abjecta dos devastadores, as ignominias surdas, as vilezas baixas, os mercantilismos, as cáfilas sem nome, os bandos imorais, tudo, e a sua fisionomia não mudou nunca, nunca se deprimiu—não atraiçoou a forma de que provinha!

Nem sempre, afinal, a torpeza do tempo se verifica.

Eu tenho prazer em dizer isto aos escultores spartanos deste *Democrata* que correm o perigo de ficar neste paiz sós e singularmente democraticos... E ainda então ele triunfará do tempo e dos homens.

Lisboa.

**Antonio de Cértima.**

## JUSTIÇA RECTA

Foi, finalmente, demitido do cargo de director do Museu desta cidade, o famigerado Marques Gomes, que a casa da Vera-Cruz protegia e os democraticos da facção Barbosa de Magalhães, com o celebre *doutor* Barata á frente, pretenderam encobrir para o que chegaram a publicar, no orgão, artigos de ataque ao sindicante, o velho e austero republicano Silverio Pereira Junior, que por sua vez demonstrou quanto vale a força da justiça, indo até á conclusão do inquerito de que fôra encarregado sem tergiversações, receios ou qualquer manifestação de pussilanimidade.

O ministro da Instrução, dr. João Camoezas, lavrou tambem o decreto nomeando, para substituir *Papa-selos*, o director interino, sr. José Pereira Tavares, professor do liceu, e fez publicar uma portaria de louvor a Silverio Pereira Junior pela forma como se desempenhou da ardua missão que acaba de ter por epilogo o triunfo da moralidade após tantos anos de luta por esse *desideratum*.

Egualmente foram louvados pela dedicação, zelo e competencia com que auxiliaram os trabalhos do sindicante, os srs. Manuel Joaquim da Silva Coelho, Alfredo Luiz Mendes e Joubert Rodrigues Pereira e o nosso ilustre conterraneo, dr. Lourenço Peixinho, presidente da Comissão Executiva da Camara, pelo devotado auxilio prestado ao Museu, ao qual se esforça por engrandecer como, de resto, tudo quanto pertence a Aveiro.

Estamos tão pouco acostumados já a ver praticar actos de justiça no nosso paiz, que até nos parece um triste desfecho por parte do govêrno da Republica.

## O TEMPO

Vai de fevereiro, propriamente dito, sem tirar nem pôr. Chuva, sol, vento, granizo e até descargas electricas, como elemento agrupado ás grandes tempestades, tem sido o pão nosso de cada dia.

Infelizes os que tudo isto são obrigados a aguentar para viver—sem vergonha do mundo.

## «O Democrata»

Nos tempos que vão correndo e em que ser-se republicano de verdade, de sentimento, por ideal e patriotismo, é uma ousadia e um perigo; no dia do aniversario de *O Democrata* não podia eu deixar de saudar num estreito abraço o seu director, não por uma afectividade de um velho amigo, mas pelo facto invulgar de ter sabido resistir a todas as vicissitudes, a todas as calamidades, a todos os odios que de toda a parte, no mesmo arreganho de interesses e vaidades, lhe teem atirado amigos e inimigos, adversarios e correligionarios.

Perdurar ainda *O Democrata* apezar da guerra de morte que lhe teem movido todos aqueles que querem impôr a sua vontade alcandorados numa protecção escandalosa, numa amizade fingida, na velhacaria duma traição, numa força ficticia ou num prestigio de favor desprimoroso, é a prova irrefutavel de que nele existe alguma coisa de grande, de sublime, que derruba tantos poderios, que desmorona tantos castelos de ilusão, que destroe tantos obstaculos e que avança sem desfalecimento e sorrindo com a certeza na vitoria. E, de facto, existe nele uma alma retemperada nas lutas do passado.

O *Democrata* é um baluarte republicano que irmãos no mesmo ideal, animados pela mesma crença e aquecidos pela mesma fé, ergueram na cidade de Aveiro quando a Republica era um sonho a realisar, e por esse sonho se faziam os maiores sacrificios sem derramar uma lagrima de desanimo, se despresavam riquezas e ofertas com altivez e nojo, se baqueava, jorrando sangue, no pó dos combates cantando e apontando aos companheiros o caminho do dever e, no ultimo lampejo da vida, já num olhar sem brilho, se volviam os olhos numa piedosa suplica de amor pela causa sacrosanta e pelo resurgimento da Patria escarnecida e vilipendiada.

O *Democrata* é um velho e rijo baluarte dos tempos em que Patria e Republica se confundiam no mesmo beijo de esperanças, dos tempos em que nos arraiais republicanos só havia idealistas

e não vampiros, dos tempos em que os nossos senhores de hoje se banqueteavam á meza real e perseguiam e matavam os nossos correligionarios por prazer, interesse e sabujice.

O *Democrata* pertence a essa pleiade de lutadores que pela implantação da Republica deram o melhor da sua vida e que pela sua pureza continuam a bater-se com o mesmo denodo, com o mesmo amor, pela finalidade de sempre.

E eu que conheci *O Democrata* nesses saudosos tempos e que o tenho acompanhado no mesmo arfar de ansiedade, no mesmo pulsar febril de revolta, no mesmo grito de alma, hoje, quando de novo os monarquicos voltam ao mando e á perseguição, voltam a ser senhores deste malfadado paiz, sinto-me feliz por vêr o seu director desfraldar a bandeira do nosso ideal, no mesmo espirito de abnegação, na mesma dedicação á Republica. E' imprescindivel que sem delongas todos os sinceros correligionarios se afastem das combinações politicas em que sob qualquer pretexto ou disfarce se apresentem os partidarios da realeza. A Republica quere-se só com republicanos. E' por isso que abraçar hoje o director de *O Democrata* é cumprir um dever de republicano, é patentear ao inimigo da Patria, aos nossos adversarios, que as nossas almas ainda embalam, no mesmo cantico de amor e no mesmo carinho, a esperança e a fé dos tempos da propaganda.

Oxalá que os republicanos por ideal, mas desanimados por tantos desvarios, se convençam de que a Republica não póde ser servida por quem não a ama, para que, arrepiando caminho, todos se apertem num abraço tão intimo, tão fraternal, como de onde aqui envio ao velho companheiro Arnaldo Ribeiro.

Oliveira de Azemeis, 22 de fevereiro de 1923.

**José Lopes de Oliveira**
Medico.

# "O AVEIRO,,

Faz hoje 57 anos este destemido homem do mar, filho da nossa terra e um dos que na vida a que se dedica, desde creança, mais se tem salientado por actos de abnegação e arrojo sempre que vê em perigo o seu semelhante.

José Rabumba se chama o intrepido aveirense, mas os seus colegas, a classe maritima, tendo-o alcunhado de *O Aveiro*, já o não conhecem por outro nome o mesmo acontecendo nas regiões oficiaes.

*O Aveiro* ha 29 anos que é cabo de mar em Leixões e vai para 24 que se acha ao serviço dos Socorros a Naufragos. Cobrem-lhe o peito nove medalhas de prata e tres de ouro, sendo uma destas francêsa, com que fôra agraciado após o naufragio do vapor *Veronese*. Ultimamente o govêrno português conferiu-lhe o grau da Torre e Espada, aparecendo na folha oficial o respectivo decreto concebido nos seguintes termos:

*Sob proposta do Ministro da Marinha, aprovada pelo Conselho da Ordem Militar da Torre e Espada em sua sessão de 10 de abril ultimo: hei por bem decretar que o cabo de mar, de 1.ª classe, da Capitania do Porto de Leixões, e patrão do salva-vidas* Leixões, *José Robumba, seja agraciado com o grau de cavaleiro da referida Ordem, nos termos da alinea* b) *do artigo 9.º do respectivo regulamento, como justa recompensa do importante e relevantissimo serviço que prestou no dia 3 de fevereiro de 1922 salvando, com risco da propria vida e da guarnição do aludido salva-vidas, os tripulantes do lugre-escuna* Felix, *que corriam grande risco de perecer, devido ao temporal que naquele dia caiu no referido porto de Leixões.*

*Paço do Govêrno da Republica, 30 de junho de 1922*—**Antonio José de Almeida**—*Victor Hugo de Azevedo Coutinho.*

*O Aveiro* está, pois, de posse do mais elevado galardão que o govêrno lhe podia conferir pelos seus feitos heroicos. Felicitâmo-lo duplamente no dia de hoje e, se nos permitem, ousâmos lembrar que as insignias dessa alta distinção lhas devia oferecer a sua e nossa terra, que ele tanto honra com os continuos actos de bravura e temeridade praticados sem olhar ao perigo envolvente de todas as tragedias.

## Falta de espaço

Por este motivo fica por inserir um artigo do dr. Lopes de Oliveira e ainda a carta de João do Caes.

# Do Porto

*Amigos:*

Não me permitem os meus deveres profissionais conservar-me ao vosso lado, firme na luta que tão acesa mantendes contra os inimigos da Republica e especialmente contra os seus... amigos de Peniche, mas não deixarei, nesta data, de vir dizer-vos que, se abandonei o meu posto nas trincheiras do *Democrata*, onde durante tanto tempo me bati ao vosso lado, não foi por covardia ou desanimo, mas apenas porque, e justamente, o *abraço de amizade* dos tais de Peniche, á Republica que nós fizemos... para eles, foi tão aproximado do... arrocho, que, quasi a asfixiando, têm-nos asfixiado tambem a existencia, obrigando-nos consequentemente á luta noutros campos para não sucumbirmos de inanição.

Ficaram vocês, o grupo de ferro, que nem um só momento abandonou ainda a brecha e a quem eu venho trazer neste momento, com a minha admiração por tanta constancia, por tanta abnegação, por tão desinteressado patriotismo, o meu mais entusiastico aplauso, o meu incondicional apoio.

Republica e só Republica, mas Republica sã, Republica pura nos seus principios e no seu incomparavel ideal de justiça e de fraternidade!

Tudo quanto não seja isto; tudo e todos que não compreendam isto, que deturpem isto e o envenenem e enxovalhem, meus amigos, chicote ao alto, e de bem alto assenta-lo sem dó nem piedade nos ombros dos vendilhões do templo, que é necessario escurraçar, seja á custa de que sacrificios fôr.

Que vos importam os insultos — insultos !!!.... — daqueles a quem não deixais realisar, com socego, as ambições de uma vasta gamela onde refocilem com gula as suas pantagrualicas convicções republicanas?

Os cães ladram e a lua passa...

Que fosteis—que fômos—republicanos, mas que já não o sômos !!!

E quem o diz?

Os que da monarquia vieram para a Republica com toda a sua famélica bagagem de vicios, de corrupções, de intrigas, de processos tôrpes e consciencia elastica, para continuar aqui a orgia que

*tão cêdo de seus olhos lhe levaram?...*

Não insulta quem quer; é velho o rifão.

Monarquicos em 4 de outubro, insultando e perseguindo republicanos; monarquicos confessos e convictos na véspera, e republicanos logo no dia seguinte, cantando victoria e hossanas á Republica !!!

E' corre-los, amigos! E' chicote para cima e deslomba-los!

Quem dá a esses mercenarios autoridade para levantarem a cabeça?

Comilões, que nada mais tem feito do que atascar-se no festim que para todos eles tem sido esta Republica que eles veem ha doze anos asfixiando no seu *amplexo* de giboia faminta!

E para terminar: coragem, pulso firme e um abraço pelos bem assentes arrochos no sacripanta de Coimbra, que já devêr ter lavrado uma bula de entrada no paraiso ao colega de Barcelos que violou as irmãs...

**Humberto Beça**

## UM ARROTO

O *Bébes* arrotou. E quando este tocador de *copofone* arrota, é fatal: vomita também, devido ao estado do relaxamento a que o levaram os continuos ensaios musicaes desse instrumento, tanto da sua predilecção.

Verdade seja que só assim podia chegar aonde queria... Está *mestre!*...

# Um caso grave

As continuas transigencias com o beaterio, que se julga em paiz conquistado, leva-o, por vezes, á uma intolerancia que, por insuportavel, está a pedir o mais sevéro correctivo.

O caso passado nesta cidade quarta-feira de Cinza é um sintôma.

A falta de respeito com que foi tratado o subdito inglês, dr. Opie, professor desta lingua na Universidade de Coimbra, que, acompanhado doutro cavalheiro e duas senhoras, assistia, junto ao governo civil e a dois passos da policia, á passagem da procissão, é de molde a que, interrogando as autoridades, lhes perguntêmos: poderão os que não professam crenças eguais ás daqueles a quem se concede licença para as exibir na via publica, estar sujeitos aos seus vexames, aos seus insultos, ás suas arremetidas?

O dr. Opie e o seu companheiro, que professam a religião protestante, que condena os idolos e não reconhece nem adopta as imagens, conservavam os seus chapeus na cabeça os quaes só tiraram quando passou, no andor, a de Cristo crucificado. Pois foi o bastante para que um individuo qualquer, ardendo em zelos, se dirigisse ao grupo e, arrancando violentamente os chapeus da cabeça dos dois estrangeiros, os atirasse ao chão, amarfanhando-os!

E se eles estivessem armados e respondessem a essa violencia, a essa afronta, com energia e altivez?

As autoridades teem aqui um ponto a ponderar antes de consentirem que outras procissões venham para a rua trazidas pelos catolicos. Ha uma lei que permite a liberdade de cultos. Lei que todos devem conhecer para que, guiados por ela, se evitem incidentes que podem ser funestos, conflitos que podem ser desastrosos. Os catolicos querem exteriorisar-se? Façam-no, muito embora, mas com uma condição; hão-de respeitar aqueles que, não comungando na sua religião, teem todo o direito a vê-los passar de chapeu na cabeça. Só assim se concebe que as autoridades transijam e lhes consintam os passeios, as exibições. De contrario, deixem estar os santos nas igrejas e adorem-nos lá que ninguem pensa em ir perturba-los.

## Benemerencia

Tendo passado no dia 21 o aniversario da morte de Sertorio Afonso, fervoroso republicano e um dos fundadores do extinto Centro Escolar, o nosso amigo sr. José Ferreira Pinto Junior enviou-nos mais 2$50 para distribuir pelos pobres de *O Democrata*, o que fizemos, entregando um escudo a Justa Salgueiro, R. das Olarias; outro á Violanta (cêga) R. da Corredoura e $50 a Claudino Pinto, R. de S. Sebastião, em nome dos quaes agradecemos.

## NECROLOGIA

Faleceu em consequencia de um parto prematuro, a esposa do sr. Abel Costa, amanuense da Administração do Concelho.

Ao viuvo e mais familia dorida, os nossos sentimentos.

* * *

Com 74 anos tambem anteontem deixou de existir o snr. José Bernardes da Cruz, pai dos srs. Francisco, Manuel, José, Armenio e Antonio Simões Cruz e proprietario da antiga casa tipografica *Minerva Central*, onde se evidenciou artista de merito.

A' viuva, filhos e demais pessoas que o pranteiam, a sincera expressão do nosso pezar.

**Serviço farmaceutico**

Encontra-se ámanhã aberta a farmacia Reis.

# Notas mundanas

*Passou ontem o aniversario natalicio da sr.ª D. Rosa de Matos Gonçalves e na terça o do filho mais velho do sr. Amadeu Tavares Pinto.*

*— Encontra-se bastante doente a sr.ª D. Laura de Carvalho Vilaça, esposa do sr. Domingos Vilaça.*

*— Tambem se agravaram os sofrimentos do sr. dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo.*

*— Com um forte ataque de gripe encontra-se de cama, o esclarecido professor do Instituto Comercial do Porto, sr. Humberto Beça, a quem apetecemos rapidas melhoras.*

*— Seguiu para Lisboa a esposa do sr. dr. Jacinto de Oliveira Simões, medico naval.*

*— Chamado pelos seus negocios da importante casa comercial de que é socio tambem partiu para Bruxellas o nosso presado amigo Antonio Madail.*

*— Deve ter logar em bréve o consorcio da sr.ª D. Maria Tereza de Carvalho, dilecta filha do esclarecido clinico em Setubal, sr. dr. Manuel Vieira de Carvalho, com o novel bacharel em Direito, snr. dr. Fernando Moreira, de Mira.*

*Os noivos virão rcsidir para esta cidade.*

## O PÃO

Dizem-nos que na proxima segunda-feira será elevado o preço do pão em algumas padarias da cidade, passando a custar 15 centavos o que agora pagâmos por 10.

Não nos admira nada que assim aconteça acostumados, como estâmos a ver correr tudo á matroca neste paiz donde desapareceu, além do mais, inclusivamente a vergonha dos que tinham obrigação de olhar pelas regalias do povo, não consentindo que o explorem, pondo um dique á desenfreada ganancia dos comerciantes sem escrupulos, dos açambarcadores desalmados, dos ladrões, enfim, que juraram arrancar-nos a péle.

Protestar? Para quê, se é gastar tempo, tinta e papel sem proveito algum?

Isto chegou ao ultimo extremo. Não ha volta a dar-lhe. Ao menos que o Deus das alturas mande uma chuva de polvora e dois raios em cima para purificar o ambiente...

## Associação dos empregados no Comercio

Comemorando mais um aniversario—o 11.º—teve logar, no passado dia 18, uma sessão solene comemorativa, em que usaram da palavra varios socios e o presidente da direcção, sr. José Martins, que mostrou a sua boa vontade a favor dos interesses da classe a que pertence, censurando, com magua, os seus colegas, que não se acham filiados na Associação.

Depois houve recitativos de monologos e cançonetas destacando-se João Evangelista e Ulisses Pereira pela maneira como disseram. Sebastião Amaral cantou alguns fados e canções com agrado da numerosa assistencia, que tambem o aplaudiu.

A' noite teve logar um baile em que se dançou animadamente até tarde e ao qual concorreram muitas das nossas mais gentis tricaninhas.

A' Associação desejâmos as maiores prosperidades, a bem da causa que defende.

## Correspondencias

**Costa do Valado, 22**

O temporal desta semana fez-se aqui sentir assustadoramente, tendo, na Oliveirinha, caído duas faiscas, uma na estufa de chicoria do sr. Manuel Simões Lameiro e outra no aido do sr. José Antonio Caldeira, que, felizmente, não causaram dâno.

— Realisou-se ontem a feira dos 21, que esteve pouco concorrida devido á chuva.

— Deu á luz um menino a esposa do nosso patricio sr. Antonio Marques Coentro, atualmente com residencia em S. Bernardo

— Tambem teve outra menina a esposa do sr. Elias Fernandes Vieira, encontrando-se as parturientes em estado satisfatorio.

Os nossos parabens aos paes dos recem-nascidos.

— Acha-se encomodado de saude o sr. Serafim Garcia, acreditado negociante.

— Com uma filha do sr. Manuel Mota, da Feiteira, Oliveira do Bairro, consorciou-se ha dias o sr. Manuel Vieira da Silva Junior, da Oliveirinha.

Mil venturas.

— Faz sabado anos o sr. José Biaia Pereira.

C.

# Editos

(1.ª publicação)

PELO Juizo de Direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do 2.º oficio—Barbosa de Magalhães—correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação do respectivo anuncio no *Diario do Governo*, citando Manuel Simões Neto e mulher Maria Joana Rosa da Costa, solteira, maior, lavradora, Julio Simões Neto e mulher, cujo nome se ignora, e Carolina da Costa e marido, cujo nome se ignora, ausentes em parte incerta, para assistirem a todos os termos, até final, do inventario orfanologico a que se procede por obito de Isabel da Costa, viuva, domestica, moradora que foi em Requeixo, desta comarca.

Aveiro, 14 de Fevereiro de 1923.

Verifiquei:

O Juiz de Direito substituto,

*Alvaro de Eça.*

O escrivão do 2.º oficio,

*Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.*

# Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

POR este Juizo, cartorio do escrivão Albano Pinheiro, e nos autos de inventario orfanologico a que se procede por obito de Carolina Pereira Geraldes, casada que foi com o viuvo inventariante José Francisco Neto Ferrão e moradora em Verdemilho, correm editos de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação deste, citando os interessados David dos Santos Pereira, solteiro, maior e José Pereira Neto, solteiro, menor pubere, ambos auzentes em parte incerta, para assistirem a todos os termos do referido inventario e sem prejuizo do seu andamento. São tambem citados os interessados incertos.

Aveiro, 8 de fevereiro de 1923.

O escrivão do 3.º oficio,

*Albano Duarte Pinheiro e Silva.*

Verifiquei:

O Juiz de Direito, substituto,

*Alvaro de Eça.*